



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

## **NÓS GAYS: a linguagem fascista de pastores neopentecostais no combate aos Direitos Humanos**

Antônio Manoel Elíbio Júnior<sup>I</sup>  
Franklin Duarte Kobayashi<sup>II</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo problematizar as possíveis aproximações entre o discurso dos pastores midiáticos Silas Malafaia e Marco Feliciano no combate aos Direitos Humanos LGBT e as estratégias de funcionamento das políticas fascistas. Para tanto, discorreremos acerca da trajetória dos Direitos Humanos LGBT na ONU, de modo a apresentar a sua definição e possibilitar a compreensão do objeto ao qual o discurso dos pastores midiáticos busca combater e aniquilar. Discorreremos também, sobre o processo de despatologização da homossexualidade e a sua descriminalização como fundamentais à conquista e manutenção dos Direitos Humanos LGBT. Tratamos ainda, a respeito do movimento conservador religioso na política brasileira, com vistas a melhor fundamentar as nossas análises. Por fim, apresentamos uma discussão, ao mesmo passo em que elaboramos nossa análise, acerca da proximidade do discurso dos pastores com as estratégias de funcionamento das políticas fascistas. O interesse pelo tema deu-se em razão dos rumos tomados nos últimos anos pela política nacional onde o discurso conservador de viés religioso tem desempenhado um papel de notável influência, sobretudo durante a eleição presidencial de 2018 no Brasil, e da necessidade de lançar um olhar científico sobre tal questão, de modo a contribuir para o fortalecimento da garantia dos Direitos Humanos.

**Palavras-chave:** Direitos Humanos LGBT; Conservadorismo; Fascismo; Pastores Midiáticos.

### **US GAYS: the fascist language of neo-Pentecostal pastors in the fight against human rights**

**Abstract:** This article aims to problematize the possible approximations between the discourse of media pastors Silas Malafaia and Marco Feliciano in the fight against LGBT Human Rights and the working strategies of fascist policies. To do so, we discuss the trajectory of LGBT Human Rights at the UN, in order to present its definition and enable the understanding of the object which the discourse of media pastors seeks to combat and annihilate. We also discuss the process of depathologizing homosexuality and its decriminalization as fundamental to the achievement and maintenance of LGBT Human Rights. We also deal with the conservative religious movement in Brazilian politics, with a view to better substantiating our analyses. Finally, we present a discussion, at the same time as we elaborate our analysis, about the proximity of the pastors' discourse with the working strategies of fascist policies. Interest in the subject was due to the direction taken in recent years by national politics, where the conservative discourse of religious bias has played a notable role, especially during the 2018 presidential election in Brazil, and the need to launch a scientific look at this issue, in order to contribute to the strengthening of the guarantee of Human Rights.

**Keywords:** LGBT Human Rights; Conservatism; Fascism; Media Shepherds.

## NÓS GAYS: A LINGUAGEM FASCISTA DE PASTORES NEOPENTECOSTAIS NO COMBATE OS DIREITOS HUMANOS

JÚNIOR, A. M. E.  
KOBAYASHI, F.D.

Sob o manto do direito constitucional da liberdade de expressão e de outros dois direitos garantidos pela Constituição, o da liberdade religiosa e a imunidade parlamentar, os pastores midiáticos tem proferido ao longo dos anos discursos conservadores de viés religioso, que encontram acolhimento cada vez maior nas esferas políticas do país e na opinião pública, a exemplo do fato de que tivemos em 2018: um Congresso eleito considerado o mais conservador desde o ano de 1964, de quando data o início da ditadura civil-militar brasileira. Apesar de na atualidade gozarem de prestígio social e de terem sua representação na figura da Bancada Evangélica no Congresso Nacional e na aproximação com o Governo Federal de Jair Bolsonaro com os segmentos evangélicos, cabendo aqui ressaltar a relação de fisiologismo e alinhamento político ideológico deste Governo com os pastores midiáticos Silas Malafaia e o Deputado Federal Marco Feliciano, a incursão de pastores e suas pautas na política nacional não é de modo algum, algo novo. Trata-se, entretanto, de um movimento em busca de poder que vem se desenvolvendo e ganhando força no Brasil desde os anos 1980, quando do crescimento da mídia religiosa, a saber: programas de rádio e TV, que passaram a atingir as massas de modo cada vez mais amplo, dado o aumento do número de seus programas e o alcance de suas mídias. Sobre tal fenômeno político, Dantas<sup>III</sup> discorre:

A força política dos segmentos evangélicos começou a se manifestar na década de 1980 [...]. Diferentes denominações evangélicas se mobilizaram para defender seus candidatos e garantir uma representação parlamentar que pudesse defender interesses institucionais, princípios cristãos e orientações doutrinárias, como a manutenção da família, a união conjugal monogâmica e heterossexual, a proibição do aborto e do divórcio, a moral sexual e o combate à homossexualidade<sup>IV</sup>.

É pertinente destacar o fato de que as pautas trazidas pelos políticos evangélicos são simpáticas ao ambiente conservador da política nacional representada também por parlamentares de origem católica ou de orientação genericamente conservadora, no que diz respeito aos costumes e não à economia.

Dentre o leque de temas abordados pelos pastores midiáticos, a homossexualidade e o seu combate, mencionado por Dantas<sup>V</sup>, possui um lugar de destaque em seus discursos, dada a grande recorrência da temática, que aparece identificada em suas declarações sob diversas formas: luta em defesa da “família tradicional”; combate à “ideologia de gênero”; “ditadura gay” ou simplesmente “homossexualismo”<sup>VI</sup>; dentre outras. A rejeição ao uso do termo “homossexualidade”, por si só, já nos remete à um modo estigmatizado com que a não heterossexualidade é tratada e indica também uma resistência aos avanços da psiquiatria e da psicologia que não mais consideram a homossexualidade como doença. Do mesmo modo, o termo Direitos Humanos LGBT, assim como as políticas públicas voltadas àquela comunidade, e tudo mais que envolve as pessoas não cis-heteronormativas, não são referenciados pelos pastores SM e MF com uma nomenclatura adequada e, portanto, não aparecem de forma direta em suas declarações que serão o objeto de nossa análise mais adiante.

Ademais, cabe ainda ressaltar, que os Direitos Humanos LGBT se tratam de uma categoria não reconhecida pelos pastores midiáticos o que é reforçado pela rejeição em adotar as nomenclaturas adequadas sobre o tema, como já mencionado. Justamente por esta razão, ressaltamos o fato de que ao considerarmos os Direitos Humanos LGBT no discurso dos pastores, devemos observar que muitas vezes as referências se dão de forma indireta, embora

## NÓS GAYS: A LINGUAGEM FASCISTA DE PASTORES NEOPENTECOSTAIS NO COMBATE OS DIREITOS HUMANOS

JÚNIOR, A. M. E.  
KOBAYASHI, F.D.

os religiosos apresentem uma rejeição e um combate explícito e declarado à aprovação de leis em prol da comunidade LGBT.

As discussões em torno da homossexualidade ganharam força no espaço público brasileiro, sobretudo quando da implementação do Programa Brasil sem Homofobia do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, a partir dos anos 2000, mais precisamente em 2004, data inicial de sua implementação. Os anos 2000 marcaram também o início do processo de popularização das redes sociais, ferramentas hoje utilizadas de maneira constante pelos pastores midiáticos.

Uma característica marcante dos discursos dos referidos pastores é o proselitismo religioso, ou seja, a conversão de seus interlocutores e sua audiência em fiéis, seguidores ou adeptos. No entanto, pela maneira como tem se apresentado em seu discurso, este proselitismo trata-se, portanto, de um projeto de poder por meio da sua incursão na arena política, não limitando-se simplesmente à uma mera conversão religiosa, mas implicando sobretudo em adesão a determinados posicionamentos políticos. Portanto, há no jogo de interesses a captação de eleitores que, além de aumentarem os lucros não tributáveis das igrejas por meio do dízimo e de outras contribuições, representam também uma espécie de moeda de negociação com a Bancada Evangélica e outros agentes políticos, uma vez que, o apoio político dos fiéis é oferecido em troca da viabilização de interesses e pautas políticas. Deste modo, temos uma massa de eleitores disponível, como parte de um jogo de interesses políticos, temos também uma ávida busca por novos adeptos, futuros eleitores, militantes e até quadros partidários, e um processo de expansão de poder que encontra representação, inclusive, no *slogan* da propaganda do atual presidente: “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos”.

Neste processo de busca por adeptos e alçada de poder político, passaremos a analisar o modo como o discurso dos pastores midiáticos SM e MF fomenta a divisão e polarização da sociedade no combate aos Direitos Humanos LGBT em analogia com a divisão das massas promovida pelas políticas (neo)fascistas.

Se para Stanley<sup>VII</sup> “o sintoma mais marcante da política fascista é a divisão”, temos nas declarações dos pastores SM e MF, como poderemos observar mais adiante, a construção de uma narrativa que faz das pessoas LGBT e de sua militância política, verdadeiros inimigos a serem combatidos. Esses inimigos seriam o “eles” mencionado na política fascista por Stanley<sup>VIII</sup>.

Especificamente sobre SM, Gabatz<sup>IX</sup> discorre:

Para Malafaia os principais inimigos da sociedade e da moral cristã são aqueles que laboram pela dissolução da família nuclear tradicional, como os movimentos feministas e em defesa dos direitos dos homossexuais ou grupos taxados por ele, pejorativamente, de comunistas<sup>X</sup>.

Em comentário, publicado em 10 de outubro de 2019, no seu perfil do Twitter<sup>XI</sup>, SM, citando o popular pastor midiático estadunidense, Mike Murdock, postou: ““Os amigos nos fazem bem, mas são os inimigos que nos promovem’ MIKE MURDOCK. Quando há oposição para algum objetivo seu, você pode ter certeza que isso é uma marca que você está na ROTA CERTA!”<sup>XII</sup>.

Apesar de não fazer referência às pessoas não heteronormativas nem aos Direitos Humanos LGBT neste comentário, ele evoca a figura dos “inimigos” nos fornecendo um indício do modo como considera os que divergem de suas pautas. Não menos importante, o comentário revela também a presença dos elementos “oposição” e “promoção” nos embates do pastor.

## NÓS GAYS: A LINGUAGEM FASCISTA DE PASTORES NEOPENTECOSTAIS NO COMBATE OS DIREITOS HUMANOS

JÚNIOR, A. M. E.  
KOBAYASHI, F.D.

O elemento “oposição”, faz parte da divisão do “nós” e “eles”, enquanto que a “promoção”, aponta para a lógica de que, enquanto mais oposição, mais promoção e concretização de suas pautas, que no caso, implica em obtenção de poder político.

Cabe ressaltar ainda, que o comentário em pauta tem como uma de suas funções, instruir e encorajar os seus seguidores, uma vez que a eles se dirige de forma direta: “Quando há oposição para algum objetivo seu, você pode ter certeza que isso é uma marca que você está na ROTA CERTA!”. De modo analógico, observamos que essa relação de proximidade, também se faz presente na relação entre os líderes fascistas e as massas, no sentido de encorajamento e estímulo ao embate, à uma suposta luta, sendo a “mobilização das massas” em torno de um ideal e de determinados objetivos, uma das características fundamentais das políticas fascistas. No caso em pauta, a mobilização seria encorajada por parte de um líder religioso, um agente ativo no cenário da política nacional.

Sobre a religiosidade no processo de mobilização das massas, Cazzeta<sup>XIII</sup>, ao discorrer sobre a formação das fileiras integralistas em Plínio Salgado, aponta:

Fato marcante na formação das fileiras integralistas, está no peso que a religiosidade ocupa para a adesão e no potencial de mobilização entre os integrantes, mesmo considerando as diferenças na intensidade deste fervor entre as lideranças do integralismo<sup>XIV</sup>.

Se faz imperativo esclarecer, no entanto, que a proximidade entre os líderes e as massas não é de exclusividade, obviamente, das políticas fascistas. Devendo ser observado o modo como se dá essa relação de proximidade e a presença de outros elementos do fascismo, tal como serão observados mais adiante, para assim, podermos concluir se há uma proximidade entre o discurso e posicionamentos dos pastores midiáticos com as estratégias das políticas fascistas, não nos cabendo aqui, entretanto, definir ou classificar o agir político dos pastores como fascismo, mas sim, observar as suas aproximações com as estratégias das políticas fascistas para podermos compreender melhor este fenômeno político religioso cada vez mais presente no cotidiano político brasileiro.

Ainda discorreremos a seguir, sobre a divisão do “nós” e “eles” para, em seguida, tratarmos mais especificamente das aproximações com as estratégias das políticas fascistas propriamente ditas.

A diferenciação do “nós” e “eles” no discurso e posicionamentos políticos dos pastores midiáticos pode ser melhor compreendida quando observadas as palavras do bispo e líder da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macêdo em parceria com Carlos Oliveira, em seu livro *Plano de Poder: Deus os cristãos e a política*. Nele, Macêdo e Oliveira<sup>XV</sup> discorrem:

Desde os primórdios da humanidade o ser humano vem lutando por espaços, por domínio e estabelecimento de poder. [...] Hoje, em sua maioria, essas disputas se dão por meio das estratégias políticas, o que requer jeito, ideologia, habilidade, poder de mobilização e convencimento. Para haver disputas, é óbvio que sempre haverá o outro lado da parte interessada em se estabelecer. Existem os agentes do mal, que são aqueles que fazem oposição acirrada em vários sentidos – inclusive, ou principalmente, na política – aos representantes do bem. Quantas pessoas têm de fato a compreensão do significado da política? Maquiavel a definiu como ‘A arte de governar e estabelecer o poder’ (O príncipe). Sendo assim, do ponto de vista de Deus,

## NÓS GAYS: A LINGUAGEM FASCISTA DE PASTORES NEOPENTECOSTAIS NO COMBATE OS DIREITOS HUMANOS

JÚNIOR, A. M. E.  
KOBAYASHI, F.D.

com quem você acha que Ele desejaria que estivesse esse poder e domínio? Nas mãos de Seu povo, ou não?<sup>XVI</sup>.

Pelas palavras de Macêdo e Oliveira<sup>XVII</sup>, podemos observar que o “nós” recebe o atributo de “representantes do bem” enquanto que o “eles” são apresentados como os “agentes do mal”. Seguindo esta lógica, a Bancada Evangélica, SM, MF (componente oficial desta bancada no Congresso Nacional) e o “povo de Deus” seriam os “representantes do bem”, enquanto que do outro lado, estariam os “agentes do mal”, podendo ser representados por qualquer organização ou indivíduo que não esteja alinhado aos “representantes do bem” e às suas pautas políticas. Os autores expõem o seu entendimento de que, segundo a vontade de Deus, o poder político deve estar nas mãos do “Seu povo”. Deste modo, a divisão é estabelecida de modo explícito: de um lado, o “povo de Deus”, “representantes do bem”, e do outro, “os agentes do mal”, identificados como qualquer um que se oponha ao que Macêdo e Oliveira<sup>XVIII</sup> chamam de “divino plano de poder e de nação”, idealizado por seu líder, Deus, cuja autoridade é representada entre os homens pelos pastores, líderes do seu rebanho.

Apesar do bispo Edir Macêdo e os pastores SM e MF liderarem cada um, igrejas neopentecostais distintas, encontramos o seu ponto de interseção no ativismo político e encorajamento da participação de seus fiéis e de líderes evangélicos na política nacional, assim como na pregação da teologia da prosperidade, dentre outros pontos em comum que convergem para o resgate de um “plano divino de nação” na Terra, tal como apontado por Macêdo e Oliveira<sup>XIX</sup>, no caso, um plano de nação para o Brasil.

Podemos constatar o compartilhamento da concepção de “plano divino de nação” em diversas postagens dos pastores, disponíveis em várias plataformas e meios de comunicação, à exemplo da postagem publicada em 19 de junho de 2020, no *Facebook*, pelo pastor MF, um dos colaboradores do evento gospel *Congresso de Resgate da Nação*: “O Brasil é uma nação escolhida por Deus... Ele escolhe, guarda, cuida e faz vencedor”<sup>XX</sup>. Ao final da postagem, MF marcou o perfil de Jair Bolsonaro. Em outra ocasião, numa fala proferida durante o *Congresso dos Gideões Missionários da Última Hora*, edição 2013, em uma pregação disponível no canal do *YouTube* “Marco Feliciano Pregações” sob o Título “*O despertar de uma nova nação, pastor Marco Feliciano*”, após retomar em seu discurso a narrativa de plano de resgate de nação, a mesma trazida por Macêdo e Oliveira<sup>XXI</sup>, MF fala: “a igreja vai ser militante, a igreja vai ser atuante [...] a igreja precisa se levantar, a igreja precisa acompanhar a política”<sup>XXII</sup> e encoraja os fiéis a lutar, segundo ele, pelo dia em que o Brasil terá um presidente evangélico. O pastor “profetiza” o dia em que este presidente religioso dirá no programa de rádio *A Voz do Brasil*: “eu cumprimento os compatriotas brasileiros com a paz do Senhor”<sup>XXIII</sup>. O chamado aos fiéis para que militem politicamente, diz respeito às defesas de suas pautas políticas, o que representaria a implantação do que chamam de “Reino de Deus na Terra”.

Em seu livro, *Silas Malafaia em Foco*, o pastor SM, no capítulo intitulado “Política”, discorre: “Agora, vou dizer uma coisa muito importante: para nós, cristãos, o cristianismo não é uma religião, cristianismo é o Reino de Deus para ser implantado na Terra.”<sup>XXIV</sup>

Com esta afirmação, SM deixa claro que o seu entendimento de cristianismo, ao passo que se confunde com a própria política, trata-se do que ele chama de “Reino de Deus para ser implantado na Terra”, o que aponta para o fato de que o seu ativismo político diz respeito à implantação deste “Reino”. Tal concepção, portanto, coaduna-se com a ideia de implantação do “plano divino de nação”, trazido por Macêdo e Oliveira<sup>XXV</sup> e também compartilhado por MF conforme observado.

NÓS GAYS: A LINGUAGEM FASCISTA DE PASTORES NEOPENTECOSTAIS NO COMBATE  
OS DIREITOS HUMANOS

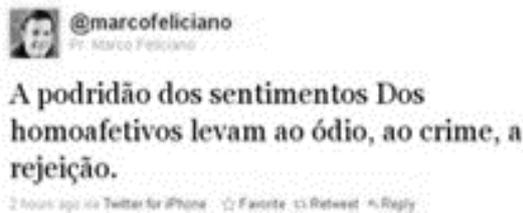
JÚNIOR, A. M. E.  
KOBAYASHI, F.D.

Dip<sup>XXVI</sup>, em referência ao sociólogo Ricardo Mariano, discorre:

O sociólogo explica que a guerra travada vai além da que acontece entre forças espirituais, uma vez que os seres humanos participam, de modo recorrente, de uma ou outra frente de batalha: quem não concorda com os evangélicos se torna inimigo, e a verdade absoluta passa a ser exclusividade dos crentes<sup>XXVII</sup>.

A construção desta narrativa que situa o outro como inimigo, além de ter sua base calcada no combate à uma força política oposta, os “representantes do bem” contra os “agentes do mal”, ela dá-se também a partir de um referenciamento depreciativo aos sujeitos LGBT e aos temas a eles relacionados, tal como podemos constatar a seguir, na postagem de MF publicada em 31 de março de 2011, no seu perfil do *Twitter*:

**Imagem 1. Publicação do pastor MF em seu perfil da rede social *Twitter***



**Fonte:** <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI222649-15223,00-DEPUTADO+MARCO+FELICIANO+NAO+ACEITO+AS+ATITUDES+HOMOSSEXUAIS+EM+ESPACO+PUBL.html>> Acesso em 27 jun. 2020.

Segundo a revista *Época*, MF já havia postado antes que: “Entre meus inimigos na net (sic), estão: satanistas, homoafetivos, macumbeiros...”<sup>XXVIII</sup>

Este último comentário do pastor MF estabelece de forma explícita a condição de inimigos aos sujeitos LGBT, ao passo que na postagem anterior publicada em seu *Twitter*, MF se refere de forma direta à homossexualidade como “podridão”, além de naturalizar as atitudes de ódio, crime e rejeição direcionadas às pessoas LGBT. De modo que, o ódio, o crime e a rejeição aos LGBT, no discurso do pastor, não seriam o resultado da LGBTfobia, mas sim, da própria homossexualidade. Afirmação esta, que leva à uma naturalização e invisibilização da LGBTfobia, pois, não seria o preconceito LGBTfóbico que levaria ao crime, ao ódio e a rejeição, mas sim, a própria homossexualidade. O ódio, o crime e a rejeição aparecem como uma reação, naturalizada pelo religioso, à homossexualidade, definida em suas palavras como “a podridão dos sentimentos dos homoafetivos”.

Retomando as falas do pastor MF disponíveis no vídeo “*O despertar de uma nova nação, pastor Marco Feliciano*”<sup>XXIX</sup>, o religioso profere em seu discurso, o seguinte:

Me apavora chegar em Brasília toda terça-feira, me apavora entrar na Câmara dos Deputados deste país e saber como o Diabo, como Satanás está infiltrado no governo brasileiro [...] Satanás levantou o seu ativismo nesse país. Senhora e senhores, existe uma ação de Satanás contra a santidade da família brasileira [...] o problema é o ativismo gay, o problema são as pessoas que tem na cabeça o engendramento de Satanás, são homens e mulheres que usam dos mesmos mecanismos que Stalin usou no seu comunismo nazista, usam da mesma linguagem de Hitler...<sup>XXX</sup>.

NÓS GAYS: A LINGUAGEM FASCISTA DE PASTORES NEOPENTECOSTAIS NO COMBATE  
OS DIREITOS HUMANOS

JÚNIOR, A. M. E.  
KOBAYASHI, F.D.

Nesta fala, as pessoas que lutam em prol dos Direitos Humanos LGBT, denominadas de “ativismo gay”, são referenciadas como “pessoas que tem na cabeça o engendramento de Satanás”. O “ativismo gay” é diretamente associado ao “ativismo de Satanás” quando MF diz que “Satanás levantou o seu ativismo nesse país”. Temos mais uma vez a diferenciação do “nós”, a família brasileira e a sua suposta santidade, e do “eles”, “pessoas que tem na cabeça o engendramento de Satanás”. Tal atributo depreciativo reforça a ideia do “eles” como inimigos, uma vez que estariam a serviço do próprio Diabo, entidade a qual os pastores e o seu rebanho travam um embate constante.

Ainda neste mesmo vídeo, identificamos outras referências depreciativas que se estendem às pessoas LGBT e não apenas à sua militância política. Podemos verificar um exemplo de tal fato nas palavras de MF proferidas na mesma edição de 2013 do evento gospel *Congresso dos Gideões Missionários*<sup>XXXI</sup>:

Hoje em dia você ouve alguém falar da aids? Alguém ouve alguém falar da aids? A aids acabou, por acaso? Não. Só no ano passado, 30 por cento de pessoas a mais que no ano anterior foram acometidas de aids. E por que ninguém fala? Porque o Governo não toca no assunto? Porque a aids é uma doença gay. A aids é uma doença que veio desse povo. Mas se você falar, vai colocar eles numa situação constrangedora e eles não vão conseguir verba...<sup>XXXII</sup>.

Deste modo, MF retoma de forma estigmatizante a ideia da aids como “doença gay”, amplamente difundida no início de sua epidemia nos anos 1980. Trata-se de uma associação direta ao termo “peste gay”, dentre outros termos pejorativos da época para referir-se à doença. Ao passo que com esta ideia, as palavras do religioso estigmatizam as pessoas LGBT, reforçam também a diferenciação dessas pessoas como um povo à parte, ideia claramente expressa nas palavras “A aids é uma doença que veio desse povo”, ou seja, trata-se do “eles”: as pessoas LGBT, a homossexualidade, suas pautas e representantes, tão combatidos pelas “forças políticas dos segmentos evangélicos”, conforme Dantas<sup>XXXIII</sup>, já mencionado anteriormente. Ainda durante o *Congresso dos Gideões*, MF afirmou que “A aids é o câncer gay”<sup>XXXIV</sup>. Na época, tal afirmação foi amplamente noticiada na mídia.

A depreciação e o combate às pautas que buscam a positivação dos Direitos Humanos LGBT é uma constante no discurso dos pastores midiáticos. É recorrente também a chamada para o embate e mobilização dos seus fiéis, seguidores e audiência, nas mais diversas mídias. Dentre outras características, esta conclamação para a luta, inspirada no ativismo político religioso estadunidense, assume um tom de denúncia de algo que os religiosos chamam de “agenda gay”, que é minunciosamente apresentada pelo líder religioso estadunidense Louis P. Sheldon, em seu livro originalmente publicado em 2005 sob o título “The Agenda”, traduzido para o português como “A Estratégia” e publicado no Brasil no ano de 2012. Neste livro, Sheldon<sup>XXXV</sup> define o inimigo a ser combatido:

Esta não é uma batalha contra inimigos estrangeiros ou extremistas dos países em desenvolvimento, mas contra um inimigo ainda maior: as forças das trevas e legiões de gays e lésbicas furiosos determinados a abolir a virtude cristã e o julgamento moral em qualquer forma.<sup>XXXVI</sup>

NÓS GAYS: A LINGUAGEM FASCISTA DE PASTORES NEOPENTECOSTAIS NO COMBATE  
OS DIREITOS HUMANOS

JÚNIOR, A. M. E.  
KOBAYASHI, F.D.

E logo em seguida, chama a igreja para unir-se contra os inimigos: “Devemos prestar atenção à ameaça da homossexualidade em nossas igrejas. A batalha pode ser vencida, mas apenas se trabalharmos juntos para reprimirmos as trevas da ignorância, da apatia e das concessões.”<sup>XXXVII</sup>

Stanley<sup>XXXVIII</sup>, em seu livro *Como Funciona o Fascismo*, apresenta elementos das estratégias fascistas que estão atualmente presentes em vários países, tal como na política dos Estados Unidos, política aquela, sabidamente influenciada pelo ativismo religioso estadunidense. No Brasil, no entanto, não tem sido diferente, de modo que nunca na história da política brasileira o ativismo político evangélico esteve tão próximo da presidência da república, a exemplo do que já foi anteriormente mencionado aqui, a relação de proximidade do atual presidente Jair Bolsonaro com os pastores SM e MF (este último, um dos cotados para concorrer à vice-presidência em uma possível candidatura à reeleição de Jair Bolsonaro), assim como também, dos membros da Bancada Evangélica no Congresso, tal como o membro da bancada nomeado para Ministro Chefe da Casa Civil e em seguida como Ministro da Cidadania, o Deputado Onyx Lorenzoni, reiteradamente mencionado na mídia como sendo o “braço direito” do presidente.

No que diz respeito ao combate à posituação dos direitos das pessoas não cis-heterossexuais e denúncia do que chamam de “agenda gay”, o ativismo religioso de extrema direita no Brasil é relacionado à extrema direita protestante estadunidense por Gabatz:<sup>XXXIX</sup>

A denúncia de uma suposta agenda oculta do movimento pelos direitos civis da população LGBT está sendo incorporada como elemento relevante nos discursos dos líderes evangélicos brasileiros. É uma tática que visa dar legitimidade aos argumentos, retratando ideias, princípios e táticas nascidas do protestantismo de extrema direita protestante norte-americana<sup>XL</sup>.

Stanley<sup>XLI</sup>, ao nomear as estratégias da política fascista, menciona o perigo em tê-las reunidas em um mesmo movimento político e as relaciona com a direita estadunidense:

A política fascista inclui muitas estratégias diferentes: o passado mítico, propaganda, anti-intelectualismo, irrealidade, hierarquia, vitimização, lei e ordem, ansiedade sexual, apelos à noção de pátria e desarticulação da união e do bem-estar público. Embora a defesa de certos elementos seja legítima e, às vezes, justificada, há momentos na história em que esses elementos se reúnem num único partido ou movimento político, e esses momentos são perigosos. Nos Estados Unidos de hoje, os políticos republicanos utilizam essas estratégias com cada vez mais frequência<sup>XLII</sup>.

A divisão do “nós” e “eles” perpassa todas as estratégias fascistas descritas por Stanley<sup>XLIII</sup>, uma vez que delas se serve para estabelecer a diferença entre os indivíduos e fortalecer suas bases contra os que não são seus apoiadores, ou seja, contra os “inimigos”. Sendo assim, esta divisão, mencionada por Stanley<sup>XLIV</sup> como “sintoma mais marcante da política fascista”, pode ser também compreendida como uma estratégia daquela política, certamente a principal delas.

A própria rejeição aos saberes científicos, por si só, já viabiliza um ambiente propício à propagação de irrealidades. Neste contexto, surgem as falsas notícias, conhecidas popularmente como *Fake News* e que exercem um papel de influência sobre a opinião pública e sobre os

JÚNIOR, A. M. E.  
KOBAYASHI, F.D.

rumos da política nacional, tal como pudemos observar nas últimas eleições presidenciais de 2018 no Brasil e em outros contextos da política brasileira e internacional. São inúmeros os casos de *Fake News* relacionados à atual política brasileira que dizem respeito ao universo LGBT, tal como a existência de mamadeiras fálicas a serem distribuídas à população e ataques à parlamentares e ativistas dos Direitos Humanos LGBT, à exemplo das *Fake News* disseminadas sobre o ex-Deputado Jean Wyllys, um dos principais alvos de críticas e notícias falsas disseminadas nos segmentos religiosos e que encontra-se atualmente em situação análoga ao exílio político em virtude de ameaças de morte contra sua pessoa e seus familiares. No entanto, nos limitaremos aqui ao chamado “kit gay” como exemplo de criação de um estado de irrealidade e propagação de *Fake News*. Cabe observar que a notícia da existência de mamadeiras fálicas consiste em um dos desdobramentos da falsa notícia da existência do “kit gay”.

Tanto SM quanto MF compartilham em seus discursos o combate ao que chamam de “kit-gay”. Trata-se na verdade do “kit anti-homofobia”, um material de combate à LGBTfobia elaborado para ser distribuído aos professores de escolas da rede pública brasileira como parte do *Programa Brasil Sem Homofobia* e do combate ao bullying LGBTfóbico nas escolas. O material foi apelidado de “kit-gay” e divulgado por parlamentares conservadores, pastores midiáticos (dentre outros), como uma tentativa de “homossexualização” das crianças, gerando uma atmosfera de pânico na sociedade. Finalmente, após forte pressão das bancadas evangélica e católica e de parlamentares simpatizantes destas bancadas, o material recebeu o veto da ex-presidenta Dilma Rousseff, não chegando a ser distribuído.

Segundo Feliciani; Castilho; Dalmolin<sup>XLV</sup>:

O alarde criado em torno da tentativa de distribuição de materiais sobre sexualidade e gênero nas escolas pelo Governo Federal, batizada por Feliciano e pelos demais de “kit gay”, não só fez com que esses materiais não chegassem às escolas do país como também criou um pânico moral com relação ao assunto. Toda a tentativa de se debater a importância de se discutir sexualidade com crianças e adolescentes é tachada como uma ação da esquerda política para destruir as famílias tradicionalmente constituídas.<sup>XLVI</sup>

As polêmicas em torno do kit anti-homofobia, que tiveram início no ano de 2011, criaram um pânico moral<sup>XLVII</sup> que se estendeu ao longo dos anos e foi utilizado pelos pastores SM e MF durante a campanha eleitoral para a presidência da República em 2018 (dentre outras ocasiões). Em campanha de apoio ao presidente Jair Bolsonaro, SM e MF postaram em seus perfis no Twitter:

NÓS GAYS: A LINGUAGEM FASCISTA DE PASTORES NEOPENTECOSTAIS NO COMBATE OS DIREITOS HUMANOS

JÚNIOR, A. M. E.  
KOBAYASHI, F.D.

**Imagens 4, 5 e 6. Postagens dos pastores SM e MF com referências ao kit anti-homofobia em seus perfis do Twitter. Data da postagem referente à figura 5: 11/10/2018.**



**Fonte:** Fig. 4, disponível em: <<https://twitter.com/pastormalafaia/status/1042804306364248064>>; Fig. 5, disponível em: <<https://twitter.com/pastormalafaia/status/1050513970505936896>>; Fig. 6, disponível em: <<https://twitter.com/marcofeliciano/status/1052242907481157632>>. Acesso em 10 jul. 2020.

As três postagens relacionam negativamente o kit anti-homofobia ao candidato do Partido dos Trabalhadores, Fernando Haddad, que havia sido Ministro da Educação do ano de 2005 a 2012, durante os governos de Lula e Dilma Rousseff. Na época das postagens, Fernando Haddad era o principal concorrente de Jair Bolsonaro na corrida presidencial de 2018. Na primeira postagem (figura 4), SM menciona o “kit-gay” como tendo sido criado por Fernando Haddad para “erotizar” crianças. Ao passo que também se refere ao presidenciável e sua vice como apoiadores de um suposto “lixo moral produzido pela esquerda”, e deste modo, estigmatiza não somente os seus oponentes políticos, mas também o kit anti-homofobia. Na figura 5, SM chama o candidato do Partido dos Trabalhadores de “pai do kit-gay”. Na figura 6, MF sugere que Fernando Haddad é mentiroso ao afirmar que ele mente sobre o “kit-gay”.

Apesar de não ser o autor do kit anti-homofobia, Fernando Haddad era o Ministro da Educação na época em que discutia-se implementá-lo nas escolas públicas brasileiras. No contexto das eleições de 2018, apontá-lo como “pai do kit-gay” funcionava como uma estratégia para estigmatizá-lo e enfraquecê-lo politicamente. Observemos que o kit, apesar de tratar-se de uma política pública LGBT de combate à LGBTfobia, era e continua sendo evocado de forma distorcida, como uma ferramenta de “erotização” infantil, tal como pudemos observar na postagem de SM. A atmosfera criada com as distorções sobre o kit anti-homofobia assemelha-se ao que Stanley<sup>XLVIII</sup> chama de “estado de irrealidade, em que as teorias da conspiração e as notícias falsas tomam o lugar do debate fundamentado”. Podemos afirmar que o combate ao “kit-gay” é uma das “lutas” em prol da proteção da “família tradicional”, em um contexto em que o kit, assim como a “ideologia de gênero” são tratados como conspirações do movimento LGBT para a destruição da família.

NÓS GAYS: A LINGUAGEM FASCISTA DE PASTORES NEOPENTECOSTAIS NO COMBATE  
OS DIREITOS HUMANOS

JÚNIOR, A. M. E.  
KOBAYASHI, F.D.

**Imagem 7. Bolsonaro apresenta em cadeia nacional, livro juvenil que não faz parte do material anti-homofobia, como prova da existência do “Kit Gay”. Segundo o portal de notícias online EXAME, Bolsonaro teria, durante uma live em 2016, afirmado que o livro era destinado a ensinar crianças de 6 anos a fazerem sexo e que o mesmo encontrava-se nas bibliotecas das escolas públicas.**



**Fonte:** (Exame, 2018, Online). Disponível em <<https://exame.com/brasil/bolsonaro-ressuscita-polemica-do-kit-gay-com-livro-juvenil-no-jn/>>. Acesso em mai 2021.

Segundo Stanley<sup>XLIX</sup>: “A função das teorias da conspiração é impugnar e difamar seus alvos, mas não necessariamente convencendo o público de que elas são verdadeiras.”<sup>L</sup>

Ao observar a definição da função das teorias da conspiração trazida por Stanley<sup>LI</sup> podemos estabelecer um paralelo entre sua função e o posicionamento dos pastores midiáticos sobre o kit anti-homofobia. Podemos observar que ao combater o suposto “kit-gay” e ao mencionar negativamente o presidenciável Fernando Haddad como o seu autor, aos pastores SM e MF, pouco importava se o candidato do Partido dos Trabalhadores era de fato o autor do kit, uma vez que o objetivo maior era difamá-lo perante os eleitores, tal como a função das teorias da conspiração descrita por Stanley<sup>LII</sup>. Tal afirmativa justifica-se pelo fato de que uma simples e breve pesquisa sobre o kit já seria o suficiente para desmistificar o candidato Fernando Haddad como o seu autor, o que parece não ter sido uma preocupação para os pastores. E ainda que o presidenciável Haddad fosse de fato o autor do kit, o conteúdo do material em nada tinha a ver com a erotização de crianças nem com uma suposta tentativa de conversão das mesmas em homossexuais, tal como alardeado pelos pastores. Aos eleitores, por sua vez, em um estado de tensão criado ao longo dos anos sobre o assunto, não mais interessava verificar o conteúdo do kit nem confirmar se Fernando Haddad era mesmo o seu autor, o importante seria impedi-lo de ganhar as eleições e garantir a não distribuição do material.

A respeito das teorias da conspiração, da propaganda “em prol da família” e do vislumbre da implantação de um novo reino na Terra, elas são, por meio do discurso dos pastores, a via pelo qual o imaginário da audiência receptora das mensagens é direcionado. Segundo Bacsko<sup>LIII</sup>:

## NÓS GAYS: A LINGUAGEM FASCISTA DE PASTORES NEOPENTECOSTAIS NO COMBATE OS DIREITOS HUMANOS

JÚNIOR, A. M. E.  
KOBAYASHI, F.D.

Tanto o terror como a propaganda impõem a uma sociedade atomizada um modelo único de comportamento para todos e cada um, uma identidade colectiva inseparável da dedicação incondicional ao poder, um carisma fabricado que implica a obediência entusiástica.<sup>LIV</sup>

Sobre a “obediência entusiástica” é necessário observar que ela é deslocada dos líderes religiosos para Deus, uma vez que a sua audiência não estaria compelida a crer e a obedecer aos líderes, mas sim, a Deus. A persuasão dos pastores ou padres, portanto, situa-se apenas nas interpretações das passagens bíblicas como verdades absolutas. Neste caso, a obediência não seria aos líderes, mas sim, à divindade, por meio de sua palavra sagrada e irrefutável: a Bíblia, conforme a crença cristã. Sob esta perspectiva, as massas não estariam influenciadas pelos líderes religiosos, mas pelo próprio Deus. É um artifício que confunde a percepção da audiência, em relação a quem de fato os influencia, ao passo que isenta a responsabilidade dos líderes quanto ao que é pregado. Ao aplicarmos o que Bacsco<sup>LV</sup> nos apresenta acerca do imaginário social, é possível ter elucidada questões que se relacionam diretamente à utilização da estratégia “porta estandarte” das políticas fascistas: a propaganda:

Muitas vezes se disse que a propaganda tinha por objectivo justificar as purgas e o terror, e é certamente verdade. Contudo, o mesmo se pode dizer da afirmação inversa: o terror “justificava” a propaganda, tornando-a particularmente operatória e eficaz. No plano imaginário e simbólico, a propaganda reproduzia e completava o universo do terror através de um sistema de representações fechado, dobrado sobre si próprio, que englobava todos aqueles que não foram ao *gulag* e que davam palmas nos comícios colossais<sup>LVI</sup>.

A propaganda “em defesa da família”, além de apoiada em passagens bíblicas, é disseminada por meio da ativação do que Bacsco chama de “terror”, ou seja, das teorias da conspiração e Fake News, que resultam no pânico moral, já apresentado anteriormente. A propaganda em prol da “família”, funciona também como uma propaganda em prol da implantação do “Reino de Deus na Terra”, de modo que a ideia de implantação do “reino” fortalece e justifica a propaganda pró-família patriarcal e vice versa. Segundo Bacsco<sup>LVII</sup>: “Os imaginários sociais operam ainda mais vigorosamente, talvez, na produção de visões futuras, designadamente na projecção das angústias, esperanças e sonhos colectivos sobre o futuro.” O imaginário, no entanto, não apenas é ativado quando da utilização da estratégia da propaganda. Todas as outras estratégias tem implicações no imaginário social, uma vez que não há como dissociá-lo dos processos de comunicação, persuasão e exercício de poder. Bacsco<sup>LVIII</sup> afirma que: “O imaginário social é, pois, uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controlo da vida colectiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder. Ao mesmo tempo, ele torna-se o lugar e o objecto dos conflitos sociais.”

O uso da expressão “kit-gay” como parte do socioleto bolsonarista, o qual se confunde com a novilingua disseminada pelos pastores MF e SM, que será abordada posteriormente, é um termo imbuído de significados que estigmatizam toda uma luta em prol dos Direitos Humanos LGBT, de modo a associá-los à erotização de crianças e adolescentes e a um imaginário de crenças e valores religiosos conservadores que atribui à sexualidade, de modo mais específico, à não cis heterossexualidade, uma carga pejorativa de reprovação e

## NÓS GAYS: A LINGUAGEM FASCISTA DE PASTORES NEOPENTECOSTAIS NO COMBATE OS DIREITOS HUMANOS

JÚNIOR, A. M. E.  
KOBAYASHI, F.D.

repugnância as quais devem ser veementemente combatidas e extirpadas socialmente dado o horror que elas suscitam. Segundo Silva<sup>LIX</sup>:

A oportunidade de se horrorizar perante o “kit gay” é uma “caixa” pandórica e espetaculosa que aberta traria todo um universo de coisas “nojentas”, “sujas”, “indecentes” prontas para contaminar as crianças arrancando-as de um mundo limpo e dessexualizado onde estes adultos colocam sua própria infância imaginária<sup>LX</sup>.

O processo de normalização do socioleto trazido por Silva<sup>LXI</sup> quando aplicado aos apelos pejorativos em torno do “kit-gay”, potencializa e também normaliza os significados por traz do termo utilizado de modo a mobilizar as massas em nome da “defesa da família tradicional” e contra o que chamam de “ideologia de gênero”. De acordo com Silva<sup>LXII</sup>:

É necessário manter a massa sob constante tensão/tesão sexual, ameaçada de mais castração, seja pelo “kit gay”, seja pela promessa de uma mamadeira peniana, seja o pênis minúsculo ou amputado pela doença endêmica, como a parte visível e capaz de leitura (para o letramento pobre da massa fascistizada) da chamada “ideologia de gênero.”<sup>LXIII</sup>

Conforme já mencionado, as polêmicas em torno do kit anti-homofobia e da luta contra os estudos de gênero, apelidados de “ideologia de gênero”, fazem parte de um grande combate em defesa da “família tradicional”, ou ainda, um combate à uma suposta conspiração que teria como objetivo a destruição da família. Combate este, que oculta a LGBTfobia, o machismo e a misoginia, justificados pelo patriarcado. Assim sendo, estamos em conformidade com o que diz Stanley<sup>LXIV</sup>:

A oposição fascista aos estudos de gênero, em particular, vem de sua ideologia patriarcal. O nacional-socialismo tinha como alvo movimentos feministas e o feminismo em geral. Para os nazistas, o feminismo era uma conspiração judaica para destruir a fertilidade entre as mulheres arianas<sup>LXV</sup>.

O contexto do combate aos estudos de gênero que se estendem à uma oposição à positivação de políticas públicas que buscam garantir os Direitos Humanos LGBT reforça a construção do inimigo. Tal afirmativa é corroborada por Reis e Eggert<sup>LXVI</sup>

À guisa de uma moral dita ‘cristã’, as mulheres feministas e as pessoas LGBT se transformaram, na visão de quem prega contra a ‘ideologia de gênero’, em uma força do mal, no inimigo, a ser combatido a qualquer custo. [...] A ampla disseminação da falsa premissa da ‘ideologia de gênero’, vista como a desconstrução dos papéis de gênero tradicionais e, por consequência, da família, dentro dos ambientes educacionais, despertou uma espécie de pânico moral, retrocesso e demonização do ‘inimigo’<sup>LXVII</sup>.

Este estado de pânico moral ocasionado pela atmosfera de medo em relação a suposta “destruição da família”, portanto, está intimamente ligado às tensões advindas dos questionamentos trazidos pelos estudos de gênero em relação às estruturas LGBTfóbicas,

NÓS GAYS: A LINGUAGEM FASCISTA DE PASTORES NEOPENTECOSTAIS NO COMBATE  
OS DIREITOS HUMANOS

JÚNIOR, A. M. E.  
KOBAYASHI, F.D.

machistas, misóginas, e patriarcais, base de sustentação do plano de poder político religioso e dos papéis de gênero pré-estabelecidos da “família tradicional” defendida pelos pastores SM, MF e demais defensores deste plano de poder político. Há uma tensão relativa à iminência de perda de poder e hegemonia que o patriarcado e o machismo dão sustentação.

De acordo com Stanley<sup>LXXVIII</sup>:

Como a política fascista tem, na sua base, a tradicional família patriarcal, ela é naturalmente acompanhada de pânico sobre os desvios dessa família patriarcal. Transgêneros e homossexuais são usados para aumentar a ansiedade e o pânico sobre a ameaça aos papéis masculinos tradicionais<sup>LXIX</sup>.

A ansiedade sexual é descrita por Stanley<sup>LXX</sup> como uma das estratégias da política fascista. Ela pode ser claramente observada nos discursos e posicionamentos dos pastores SM e MF já apresentados anteriormente, uma vez que, a luta em defesa da “família tradicional” trata-se exatamente de um apelo à proteção do patriarcado e à masculinidade tal como é concebida pela estrutura patriarcal machista, misógina e LGBTfóbica. Mas tal ansiedade não se encerra aí. A ansiedade sexual estimulada pelos pastores midiáticos e pelo plano de poder político religioso envolve também a evocação da “erotização” e “homossexualização” das crianças e adolescentes.

A presença da estratégia da ansiedade sexual no *modus operandi* das políticas fascistas descrita por Stanley<sup>LXXI</sup> é também corroborada por Silva<sup>LXXII</sup> quando trata da tensão sexual, por meio de uma “língua comum” aos extremismos como estratégia para manter a massa coesa e vinculada ao líder:

Assim, como no caso do Der Stürmer, o conteúdo sexual da ameaça política é fundamental para manter a massa coesa e neuroticamente vinculada ao líder pela tensão/tesão. Aqui a ansiedade neurótica funciona por transferência/projeção: o líder ritualmente mostra sua “arma”, por linguagem corporal mimética, aos seguidores, prometendo com ela abater o inimigo com o intuito de acalmá-los, mantê-los coesos e mobilizados, ao mesmo tempo que renova o chamamento à violência simbólica e real num processo de radicalidade acumulativa. É esse discurso de ódio que permite uma língua comum aos extremismos, traço comum entre os fascismos históricos e os fascismos contemporâneos.<sup>LXXIII</sup>

Silva<sup>LXXIV</sup> referia-se ao gesto de arma, performado pelo bolsonarismo como exemplo de tensão sexual presente na política, uma forma de comunicação simbólica com as massas imbuída de tensão sexual e violência.

No contexto da luta em “defesa da família”, a ansiedade sexual leva a uma vitimização diante da perspectiva de posituação de leis referentes aos Direitos Humanos LGBT e do movimento feminista. A estratégia da vitimização é apresentada como umas das estratégias da política fascista. De acordo com Stanley<sup>LXXV</sup>: “A exploração do sentimento de vitimização de grupos dominantes frente à perspectiva de ter que dividir cidadania e poder com grupos minoritários é um elemento universal da política fascista internacional contemporânea.”<sup>LXXVI</sup>

O próprio fato de colocar-se como “defensor da família” e reclamar que querem destruí-la, por si só, já aponta para um vitimismo diante da eminência da perda de exclusividade do status familiar atribuído apenas ao formato heterossexual, e também diante do fato de que, como

NÓS GAYS: A LINGUAGEM FASCISTA DE PASTORES NEOPENTECOSTAIS NO COMBATE  
OS DIREITOS HUMANOS

JÚNIOR, A. M. E.  
KOBAYASHI, F.D.

já mencionado anteriormente, a perda do direito de um homem unir-se a uma mulher e ter filhos não faz parte da pauta LGBT nem feminista. O vitimismo é reforçado ao acusarem os movimentos em prol dos Direitos Humanos LGBT de lhes impor uma “ditadura gay”. Este vitimismo dá-se por meio da disseminação da acusação de que estão tentando furta-lhes a liberdade de expressão e religiosa com uma “ditadura gay” ou uma “mordaza gay”. “Mordaza gay” ou “lei da mordaza” foi o apelido dado pelas bancadas religiosas e utilizado por MF e SM ao referir-se ao PL 122/2006 que buscava criminalizar a LGBTfobia e que foi arquivado devido as pressões daquelas bancadas.

Ao ser questionado pelo repórter da revista *Veja*<sup>LXXVII</sup> sobre sua oposição ao projeto de lei de criminalização da LGBTfobia, o PL 122/2006, SM responde: “A lei que estão propondo é uma lei da mordaza. Se não aprendermos a respeitar a liberdade de expressão, será melhor mandar fechar a conta para balanço.”<sup>LXXVIII</sup>

Segundo SM e MF, a aprovação da criminalização da LGBTfobia fere as suas liberdades de expressão e religiosa e transforma-os em vítimas:

**Imagens 8, 9 e 10. Postagens dos pastores SM e MF sobre “ditadura gay” e liberdades de expressão e religiosa. Datas das postagens: figura 8: 10/01/2018 e figura 9: 11/02/2019.**



## NÓS GAYS: A LINGUAGEM FASCISTA DE PASTORES NEOPENTECOSTAIS NO COMBATE OS DIREITOS HUMANOS

JÚNIOR, A. M. E.  
KOBAYASHI, F.D.

**Fontes:** Fig. 8, disponível em: <<https://twitter.com/pastormalafaia/status/591593467102498816>>; Fig. 9, disponível em: <<https://twitter.com/marcofeliciano/status/951066393381867520>>; Fig. 10, disponível em: <<https://twitter.com/marcofeliciano/status/1095067155773751296>>. Acesso em 12 jul. 2020.

A figura 7 diz respeito a repercussão da participação de SM no programa da *Rede Globo, Na Moral*, que foi ao ar em 23 de abril de 2015. Na figura 8, MF defende o apresentador Ratinho que havia criticado a presença, segundo ele, excessiva, de “viados” na grade de programação da Rede Globo. MF afirma que Ratinho havia sido a “vítima da vez” da “ditadura gay”. Na figura 9, MF refere-se à votação no STF sobre a criminalização da LGBTfobia como uma ameaça para acabar com as liberdades de expressão e religiosa. O vitimismo de chamar de “ditadura” a criminalização da LGBTfobia e a positivação de outras leis em prol da comunidade LGBT dá-se pelo temor de ter suas declarações sobre a homossexualidade criminalizadas e, em conformidade com o que menciona Stanley<sup>LXXXIX</sup>, pela iminência de ter que dividir a cidadania e o poder com grupos minoritários, neste caso, com a comunidade LGBT, o que poderia representar perdas referentes à hegemonia da hierarquia patriarcal.

A estratégia da utilização da hierarquia na política fascista, remete à defesa da hierarquia patriarcal e a um discurso que estabelece a negação da igualdade de gênero pelo seu caráter subversivo à uma pretensa “lei natural”. De acordo com Stanley<sup>LXXX</sup>, a justificativa para o uso da hierarquia como estratégia do fascismo é a seguinte:

Sua justificativa principal para a hierarquia é a própria natureza. Para o fascista, o princípio da igualdade é uma negação da lei natural, que estabelece certas tradições, das mais poderosas, sobre outras. A lei natural supostamente coloca homens acima de mulheres, e membros da nação escolhida do fascista acima de outros grupos.<sup>LXXXI</sup>

Sabemos que o fascismo se utiliza da ideia de “lei natural” para justificar a hierarquia racial, no entanto, nos limitaremos ao seu caráter de negação à igualdade de gênero, também trazida por Stanley<sup>LXXXII</sup> e que é estabelecida pela imposição da “lei natural” que coloca os homens acima das mulheres. Esta negação está diretamente ligada a luta dos pastores em “defesa da família” e do patriarcado que dá ao homem o lugar de superioridade em relação à mulher e conseqüentemente a toda e qualquer pessoa LGBT, visto que, no discurso dos pastores, a heterossexualidade é considerada como a única sexualidade legítima e, portanto, indiscutivelmente acima das demais.

Em entrevista à *Veja* publicada no ano de 2013<sup>LXXXIII</sup>, época em que MF era candidato à presidência da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal, quando perguntado pelo repórter “Mas o senhor fala em medo da causa gay?”, o deputado respondeu:

Nosso medo é só esse: união homossexual não é normal. O reto não foi feito para ser penetrado. Não haveria condição de dar seqüência à nossa raça. Agora, o que se faz dentro de quatro paredes não me diz respeito [...] Deveria haver posições menos radicais na comunidade LGBT. Os gays destroem qualquer pessoa que se levante contra eles [...] O casamento gay fere os direitos da igreja<sup>LXXXIV</sup>.

A ideia de anormalidade atribuída à homossexualidade diz respeito à “lei natural” e, portanto, à estratégia da hierarquia, que legitima a heterossexualidade como normal e, portanto, acima da não cis heterossexualidade e portadora exclusiva de uma natureza legítima.

## NÓS GAYS: A LINGUAGEM FASCISTA DE PASTORES NEOPENTECOSTAIS NO COMBATE OS DIREITOS HUMANOS

JÚNIOR, A. M. E.  
KOBAYASHI, F.D.

Toda a relação homem/mulher, como também pai/filhos, é marcada pelo medo, é assimétrica e enviesada, deve estar desequilibrada em favor do homem/pai/chefe/pastor, ou então o macho se sente ameaçado pela perda de seus privilégios considerados “de natura”, na explicação conservadora<sup>LXXXV</sup>.

Podemos observar que a estratégia da hierarquia tal como descrita por Stanley<sup>LXXXVI</sup> corrobora com o que Silva<sup>LXXXVII</sup> traz a respeito da relação assimétrica entre homem/mulher e pai/filhos em favor do “homem/pai/chefe/pastor” sob a ameaça de perda de seus privilégios. Desse modo, podemos afirmar que a estratégia da hierarquia está diretamente relacionada à estratégia da “ansiedade sexual”, ao passo que a “ansiedade sexual” funciona para que seja mantida a hierarquia e o *status quo* em favor dos privilégios do patriarcado.

A respeito da manutenção dos privilégios do patriarcado, Lacerda<sup>LXXXVIII</sup> é categórica: “Os protagonistas da reação pró-família patriarcal são homens”. Ao discorrer sobre o perfil do protagonismo da reação pró-família patriarcal, a autora discorre:

Apenas 4% dos discursos e proposições estudados tiveram uma mulher como autora principal – menos da metade da média de 9% de deputadas na composição da Câmara entre 2013 e 2015, e quase um terço menos que a média de 11% de mulheres na bancada evangélica de 2010 à 2015. A participação das deputadas é mais relevante contra o aborto (7%) do que contra as demandas LGBT (2%).<sup>LXXXIX</sup>

Para concluirmos, ressaltamos o fato de que nessa fala de MF identificamos não apenas a presença da hierarquia, mas também, de elementos que dizem respeito as estratégias da ansiedade sexual, como a evocação do medo, e de uma tensão relativa à ausência da fertilidade nas relações não heteronormativas, o que poderia levar à extinção da “nossa raça”, segundo o pastor e deputado. E também, a presença da vitimização por considerar ser a igreja “ferida” pelo “casamento gay” e por um suposto “medo” e ameaça de destruição imposta pelas relações não heterossexuais e pelos próprios gays, que nas palavras do pastor e deputado “destroem qualquer pessoa que se levante contra eles”.

### Notas

<sup>I</sup> Doutor em História Social pela UNICAMP e Professor Adjunto IV do Corpo Permanente do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas da Universidade Federal da Paraíba.

<sup>II</sup> Mestre em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas pela Universidade Federal da Paraíba, graduado em Letras com habilitação em Língua Inglesa pela Universidade Federal de Campina Grande, graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba.

<sup>III</sup> (2011).

<sup>IV</sup> (DANTAS, 2011, p. 24).

<sup>V</sup> (2011).

<sup>VI</sup> A palavra “homossexualismo” tem conotação pejorativa, uma vez que o seu uso remete à doença (mental). O termo não é mais utilizado pela ciência e foi retirado da lista de doenças mentais pela OMS há mais de 30 anos, no dia 17 de maio de 1990, razão pela qual esta data é considerada o dia internacional contra a LGBTQ+fobia. No entanto, este termo continua sendo insistentemente utilizado por grupos conservadores, especialmente religiosos, que rejeitam o termo homossexualidade na tentativa de estigmatizar as pessoas LGBTQ+. Em algumas ocasiões, o seu uso dá-se em virtude do desconhecimento do seu uso pejorativo, o que não é o caso dos pastores midiáticos.

<sup>VII</sup> (2018, p. 8).

NÓS GAYS: A LINGUAGEM FASCISTA DE PASTORES NEOPENTECOSTAIS NO COMBATE  
OS DIREITOS HUMANOS

JÚNIOR, A. M. E.  
KOBAYASHI, F.D.

- viii (2018).  
ix (2015, p. 4).  
x (GABATZ, 2015, p. 4).  
xi Disponível em: <<https://twitter.com/PastorMalafaia/status/1182285106368659458>>. Acesso em 16 jun. 2020.  
xii (MALAFAIA, 2019, online).  
xiii (2011).  
xiv (CAZZETA, 2011, p. 106).  
xv (2008).  
xvi (MACÊDO; OLIVEIRA, 2008, p. 11-12).  
xvii (2008).  
xviii (2008, p. 105).  
xix (2008).  
xx Disponível em: <<https://www.facebook.com/PastorMarcoFeliciano/photos/a.303952159744810/1947062825433727/?type=3>>. Acesso em 27 de jun. 2020.  
xxi (2008).  
xxii Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VMiIcHD5tQw>>. Acesso em 27 jun. 2020. 1:01:58 e 1:06:23.  
xxiii Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VMiIcHD5tQw>>. Acesso em 27 jun. 2020. 1:08:05.  
xxiv (MALAFAIA, 2018, p. 1457)".  
xxv (2008).  
xxvi (2018).  
xxvii (DIP, 2018, p. 1079).  
xxviii Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI222649-15223,00-DEPUTADO+MARCO+FELICIANO+NAO+ACEITO+AS+ATITUDES+HOMOSSEXUAIS+EM+ESPACO+PUBL.html>>. Acesso em 16 de jun. 2020.  
xxix Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VMiIcHD5tQw>>. 56''55. Acesso em 10 jan. 2021.  
xxx (FELICIANO, 2013, online).  
xxxi Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VMiIcHD5tQw>>. 1'01''10. Acesso em 27 jun. 2020.  
xxxii (FELICIANO, 2013, online).  
xxxiii (2011).  
xxxiv Disponível em: <[https://istoe.com.br/281502\\_MALDICA0+NOS+DIREITOS+HUMANOS/](https://istoe.com.br/281502_MALDICA0+NOS+DIREITOS+HUMANOS/)>. Acesso em 29 de jun. 2020.  
xxxv (2012).  
xxxvi (SHELDON, 202, p. 267).  
xxxvii (SHELDON, 202, p. 267).  
xxxviii (2018).  
xxxix (2015).  
xl (GABATZ, 2015, p. 56).  
xli (2018).  
xlii (STANLEY, 2018, p. 7).  
xliiii (2018).  
xliv (2018, p. 8).  
xlv (2018).  
xlvi (FELICIANI; CASTILHO; DALMOLIN, 2018, p. 14).  
xlvii Pânico moral é um termo criado pelo sul-africano Stanley Cohen (1972) em seu livro intitulado "Folk Devils and Moral Panic". Tendo o referido autor como base, Machado (2004) discorre:

“Cohen define o problema como fenômenos recorrentes aos quais as sociedades parecem periodicamente estar sujeitas, no sentido em que ‘uma condição, episódio, pessoa ou grupo de pessoas emerge para ser definido como uma ameaça aos valores e interesses sociais, a sua natureza é apresentada de uma maneira estilizada e estereotípica pelos mass media; barricadas morais são fortalecidas [...]; peritos socialmente acreditados pronunciam os seus diagnósticos e soluções; modos de coping são desenvolvidos ou (mais frequentemente) é procurado refúgio nos já

NÓS GAYS: A LINGUAGEM FASCISTA DE PASTORES NEOPENTECOSTAIS NO COMBATE  
OS DIREITOS HUMANOS

JÚNIOR, A. M. E.  
KOBAYASHI, F.D.

existentes; a condição desaparece, submerge ou deteriora-se e torna-se menos visível' (1972/1987: 9)" (MACHADO, 2004, p. 60-61).

Apoiado em Thompson (1998), Miskolci (2007) apresenta em cinco passos o processo que leva ao aparecimento de um pânico moral:

“Primeiro, algo ou alguém é definido como um perigo para valores ou interesses, depois esse perigo é interpretado em uma forma facilmente reconhecível pela mídia e há uma rápida construção de preocupação pública. Por fim, há uma resposta das autoridades ou dos criadores de opinião e o pânico cessa ou resulta em mudanças sociais.” (MISKOLCI, 2007, p. 117).

XLVIII (2018, p. 8).

XLIX (2018).

L (STANLEY, 2018, p. 44).

LI (2018, pg. 44).

LII (2018).

LIII (1985).

LIV [cf. Wolfe 1969]. (BACSKO, 1985, p. 328).

LV (1985).

LVI (BACSKO, 1985, p. 328).

LVII (1985, p. 312).

LVIII (1985, p. 310).

LIX (2019).

LX (2019).

LXI (2019).

LXII (2019).

LXIII (SILVA, 2019, pg. 318).

LXIV (2018).

LXV (STANLEY, 2018, pg. 34).

LXVI (2017).

LXVII (REIS; EGGERT, 2017, p. 19-20).

LXVIII (2018).

LXIX (STANLEY, 2018, p. 83).

LXX (2018).

LXXI (2019).

LXXII (2019).

LXXIII (SILVA, 2019, pg. 318).

LXXIV (2019).

LXXV (2018).

LXXVI (STANLEY, 2018, p. 64).

LXXVII Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/na-veja-1-silas-malafaia-8220-o-brasil-nao-e-homofobico-homofobia-e-uma-doenca-8221/>>. Acesso em 12 jul. 2020.

LXXVIII (MALAFAIA, 2020, online)."

LXXIX (2018, p. 64).

LXXX (2018).

LXXXI (STANLEY, 2018, p. 56).

LXXXII (2018).

LXXXIII Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/na-veja-1-silas-malafaia-8220-o-brasil-nao-e-homofobico-homofobia-e-uma-doenca-8221/>>. Acesso em 12 jul. 2020).

LXXXIV (FELICIANO, 2013, online).

LXXXV (SILVA, 2019, pg. 324).

LXXXVI (2018).

LXXXVII (2019).

LXXXVIII (2019, pg. 80).

JÚNIOR, A. M. E.  
KOBAYASHI, F.D.

---

LXXXIX (LACERDA, 2019, pg. 80).

### Referências Bibliográficas

ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Schwartz, 2012.

BACZKO, Bronislaw. **A Imaginação Social**. In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria das Dores Campos; VAGGIONE, Juan Marco. **GÊNERO, NEOCONSERVADORISMO E DEMOCRACIA: Disputas e Retrocessos na América Latina**. BOITEMPO, 1 ed. São Paulo, 2020. Ebook Kindle.

BOBBIO, Norberto. **A Era dos Direitos**. Rio de Janeiro: Campus Editora, 1990.

BURGIO, Alberto. “**Per la Storia del Razzismo: Italiano**”. En *Nel Nome della Razza*. Bolonha: Il Mulino, 1999.

FAYE, Jean Pierre. **Langages Totalitaires**. Paris: Hermann, 1972.

FOUCAULT, Michel. (1988). **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Edições Graal, 2011.

GABATZ, Celso. **A legitimação da intolerância nas declarações do pastor Silas Malafaia**. *Barbarói*. Revista do Departamento de Ciências Humanas. Universidade de Santa Cruz do Sul. n° 45, 2015/2. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/7251>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

KERSHAW, Ian. **Hitler**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

KLEMPERER, Victor. **LTI: A Linguagem do Terceiro Reich**. Tradução: Miriam Bettina Paulina Oelsner. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

KOBAYASHI, Franklin Duarte. **Reflexões sobre o posicionamento de pastores midiáticos acerca da homofobia e da implementação de políticas públicas que viabilizem os Direitos Humanos LGBT**. In: Luciano Nascimento Silva. (Org.). **FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E EPISTEMOLÓGICOS DOS DIREITOS HUMANOS: Linguagem, Memória e Direito**. 21ed. Campina Grande: Eduepb, 2020, p. 148-163. Disponível em: <<https://livrandante.com.br/2020/06/09/luciano-nascimento-silva-org-fundamentos-historicos-e-epistemologicos-dos-direitos-humanos/>>. Acesso em 13 nov. 2020.

KONDER, Leandro. **Introdução ao Fascismo**. São Paulo: Expressão Popular. 2ª ed., 2009.

LACERDA, Marina Basso. **O Novo Conservadorismo Brasileiro. De Reagan a Bolsonaro**. Porto Alegre: ZOUK. 1ª ed., 2019.

JÚNIOR, A. M. E.  
KOBAYASHI, F.D.

---

MALAFAIA, Silas. **Silas Malafaia em Foco: o que pensa o pastor mais polêmico do Brasil sobre os mais importantes temas da atualidade.** Ed. Central Gospel. Rio de Janeiro, 2018. Ebook Kindle.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil.** São Paulo. Edições Loyola, 1999.

PAXTON, Robert Owen. **A Anatomia do Fascismo.** São Paulo: Paz e Terra, 2007.

SHELDON, Louis Philip. **A Estratégia. O plano dos homossexuais para transformar a sociedade.** Trad. Clarice Tamerik, Ellen Canto e Giuliana Niedhardt. 1 ed. Central Gospel, Rio de Janeiro, 2012.

SOUZA, Jamerson Murillo Anunciação de; OLIVEIRA, Marcelly Batista de. **CONSERVADORISMO: IDEOLOGIA E ESTRATÉGIA POLÍTICA DAS CLASSES DOMINANTES.** XVI Encontro Nacional de Pesquisadoras/es em Serviço Social. 2018. Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22616>>. Acesso em 08 jun. 2021.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. **Corpo e Negacionismo: a Novilingua do Fascismo na Nova República, Brasil 2013/2019.** Revista de História, Juiz de Fora, v.25, n. 2, p.307-332, 2019.

\_\_\_\_\_. **O Discurso de Ódio: análise comparada das linguagens dos extremismos.** Revista Nuestramérica, [S.l.], v. 7, n. 13, p. 45-64, ene. 2019. Disponível em: <<http://revistanuestramerica.cl/ojs/index.php/nuestramerica/article/view/165/293>>. Acesso em 10 mai. 2021.

VITAL, Christina; LOPES, Paulo Victor Leite. **Religião e Política: Uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e LGBT's no Brasil.** Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll e Instituto de Estudos da Religião, 2013. Disponível em: <<https://br.boell.org/pt-br/2013/05/29/religiao-e-politica-uma-analise-da-atuacao-de-parlamentares-evangelicos-sobre-direitos-0>>. Acesso em 30 mai. 2021.